

26/10/2017 - 05:00

## Carteiras já incluem maior risco

Por **Soraia Duarte**

Os fundos

*Euzébio, do BB: fundos imobiliários se encaixam em portfólio conservador*

multimercados, principal destino dos recursos dos investidores private, também são protagonistas nas estratégias dos gestores, funcionando como instrumentos para agregar diversificação e risco às carteiras. No Santander, começam a ser incluídos nos portfólios recomendados a investidores com perfil moderado. Quanto maior o apetite a risco dos clientes, maior a parcela desse tipo de investimento, que vai ocupando o espaço de papéis de renda fixa e de títulos atrelados à inflação, indicados para os mais conservadores.

Assim como os multimercados, os investimentos em renda variável também ganham peso nos portfólios à medida que cresce o apetite à risco. "Buscamos alocações em renda variável com bons fundos de investimento e bons gestores", diz Gustavo Schwartzmann, superintendente executivo do private banking do Santander. As recomendações, explica, são feitas com base em análises fundamentalistas do cenário econômico. Além disso, ele diz que o Santander trabalha com cinco tipos de perfis. Além dos conhecidos conservador, moderado e agressivo, também considera o balanceado e o arrojado. Compostos pelos mesmos ativos, graduam a exposição a risco que ocorre entre o perfil arrojado e o agressivo.

Rodrigo Eboli, sócio gestor da Triar Gestão de Patrimônio, afirma que nos próximos anos o país vai conviver com juros mais baixos. "O cliente vai ter de incrementar o risco da carteira e caminhar para a volatilidade, independentemente do perfil, e investir em ativos que não investia antes, em parcelas pequenas". Por isso, na Triar, os multimercados já aparecem nas recomendações feitas até para clientes conservadores.

As simulações feitas pela Triar, diz Eboli, são referências, um ponto de partida para definir as recomendações de carteiras. Tanto na Triar como em outras instituições ouvidas, as estratégias de investimento para clientes private são personalizadas e definidas de acordo com os objetivos e tolerância a risco de cada investidor. "O mais importante é entender o perfil e o objetivo de retorno do cliente", diz Eboli. "Ele pode estar perto de se aposentar, fase em que renda é mais importante do que o ganho de capital", exemplifica. "Também há clientes que não querem exposição a crédito ou não toleram mês negativo, o que torna necessário ser mais conservador."

Pedro Marcelo Luzardo, sócio do Banco Modal, comenta que é importante mesclar diferentes tipos de ativos, de forma a ter, no mesmo portfólio, investimentos de maior rentabilidade e com liquidez. Ele cita as operações com prazos determinados, além dos multimercados. "Isso permite mostrar ao cliente que é possível ter na carteira ativos diferenciados, com prazos de liquidação diferenciados, sem ter penalidades efetivas de taxa." Também destaca a importância de escolher gestores externos diversificados. "Sempre buscamos gestores com especialidade em determinados segmentos, e que busquem retornos maiores."

Já nas recomendações do Banco do Brasil, os multimercados aparecem a partir do perfil conservador, assim como investimentos no exterior, que também estão no radar da Triar. Essas aplicações podem ser feitas por fundos locais que têm autorização para investir em ativos emitidos em outros mercados, cuja demanda tem apresentado crescimento

expressivo. Os multimercados com investimento no exterior somavam patrimônio líquido de R\$ 309,2 bilhões em agosto, quantia 23% maior que a verificada em setembro de 2016, segundo a Anbima.

Outro título que tem chamado a atenção do BB, diz Fábio Euzébio, gerente geral de private bank da instituição, são os fundos imobiliários. Com a retomada de novas ofertas, diz, "se encaixam muito bem nas carteiras de clientes de perfil mais conservador que buscam investimento em 'real estate'".

Na Vinci Partners, que conta com estrutura para gestão de fortunas, as estratégias focam o longo prazo, como os investimentos em private equity, recomendados a partir do perfil moderado. "São opções que irão oferecer prêmios altos e bons retornos daqui em diante", afirma Fernando Lovisotto, sócio da Vinci.

Longo prazo, afirma, deveria ser a variável mais importante para o investidor. "Para definir a alocação dos recursos, é preciso ter boa noção do horizonte de investimento". Lovisotto explica que se os recursos precisarem estar sempre líquidos o investimento em bolsa é dificultado. "Dizer que ações são um bom investimento no curto prazo é mais incerto do que dizer que a bolsa dará bons retornos dentro de três a cinco anos".